

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM POLÍTICAS PÚBLICAS – BACHARELADO

**A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE E A ATITUDE BLASÉ  
MERCADO, CONSUMO E VALORES**

Aluno: Dinael Leal dos Santos

Goiânia  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM POLÍTICAS PÚBLICAS – BACHARELADO

**A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE E A ATITUDE BLASÉ  
MERCADO, CONSUMO E VALORES**

Aluno: Dinael Leal dos Santos

Monografia apresentada  
como pré-requisito para  
a aprovação na disciplina  
Trabalho Final de Curso  
2, da Faculdade de  
Ciências Sociais em  
Políticas Públicas.

Orientador: Nildo Viana

Goiânia

2019

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 4  |
| CAPÍTULO 01: .....   | 7  |
| CLASSE MÉDIA E ATITUDE BLASÉ.....                                      | 7  |
| 1.1. Especialização e Mente Humana.....                                | 7  |
| 1.2. Quatro Perspectivas de Estratificação Social .....                | 9  |
| 1.2.1. Os Estudos de Classe no Campo Neomarxista.....                  | 10 |
| 1.2.2. A Perspectiva Weberiana .....                                   | 11 |
| 1.2.3. A Perspectiva Funcionalista .....                               | 13 |
| 1.2.4. A Perspectiva de Bourdieu .....                                 | 13 |
| 1.2.5. Limites e possibilidades das análises de classes .....          | 14 |
| 1.3. A Cidade e suas formas.....                                       | 18 |
| CAPÍTULO 02: .....   | 23 |
| A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE .....  | 23 |
| 2.1. Breve histórico da classe média goianiense .....                  | 23 |
| 2.2. Diferença e semelhança entre as classes médias de goiania.....    | 25 |
| CAPÍTULO 03.....   | 29 |
| A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE E A ATITUDE BLASÉ .....                      | 29 |
| 3.2. Shopping center, uma alternância orientada de comportamento ..... | 30 |
| 3.2. O lugar de mercado goianiense - bairro de campinas.....           | 32 |
| 3.3. Levantamento de dados; entrevistas e observações .....            | 35 |
| 3.4. A entrevista que pergunta, como? E não porque? .....              | 38 |
| 3.5. Análise dos dados .....   | 42 |
| 3.6. Construção de relações, e formulação de hipótese .....            | 44 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 47 |
| REFERÊNCIAS .....  | 49 |

## INTRODUÇÃO

Georg Simmel, tinha como desafio compreender o processo de modernização, que ocorria na Europa, desenvolvendo a seguinte tese: A modernização urbana causa o efeito blasé. Visto que nossa capital tem passado, há décadas por um processo de modernização urbana, propomos o seguinte problema: Por qual motivo a classe média goianiense desenvolve uma atitude blasé?

Para uma aproximação a esta questão, realizo um exercício de pesquisa exploratório, nos seguintes termos:

Comparar segmentos da população goianiense que se pode supor, sejam afetados de formas/ graus diferentes, pelo processo de modernização urbana, para verificar se eles apresentam, correspondentemente, graus diferentes de efeito blasé.

Para controlar a variável econômica, selecionei contingentes que podem ser caracterizados como “segmentos da classe média goianiense” mas que tenham sofrido diferentes “exposições” ou “inserções” no processo de modernização urbana, ou seja dois tipos ideais: classe média tradicional, diferente de classe média moderna ou sofisticada.

Entrevistas foram feitas, em uma perspectiva do estudo exploratório, para conhecer valores de diferentes pessoas de classe média, conforme critérios que serão explicitados à frente. Procuramos investigar nessas entrevistas:

- A satisfação com a condição de “classe média”
- Visão de mundo: valor do trabalho, para subir na estratificação social
- Rejeição à política diferente, entre pessoas de “classe média” de diferentes estratos (“médio popular” diferente de “médio alto”) e de distintos contextos socioculturais (“tradicional” campineiro, distinto de “moderno” que podemos entender como o envolvimento por ex. com tecnologia, inserção no mercado de trabalho, fonte de renda, uso de cartão de crédito, e outras formas de pagamento, quando compram no comércio, consumo cultural variado ex. música.)

Antecipando de modo breve, qual será nossa conclusão, podemos dizer que: sim, há um impacto diferenciado entre esses dois tipos ideais.

Por fim, a eventual confirmação desse fato, em pesquisas mais aprofundadas pode levar a pensar, em políticas públicas, que venham amenizar os efeitos blasé.

Foram feitas nove entrevistas, semiestruturadas. Escolhemos a terceira e a quinta entrevista, para ser objeto de narrativa, em nossa monografia. Outro instrumento de levantamento de dados se deu através da metodologia de observação de campo, em um

shopping center famoso da capital, trata-se do Shopping Center Passeio das Águas. O levantamento de dados para nossa pesquisa, busca evidências que sustentam nossas relações sociais sobre o modo de vida da classe média goianiense, essas pessoas seguem um padrão de comportamento, conservam em suas memórias valores, herdados de seus parentes, às vezes a ação social dos valores do passado, costume e hábitos que só não prevalece sobre a ação social com relação a fins de Max Weber, devido ao fato que supomos tratar-se da vida de uma metrópole como Goiânia, pois o cotidiano da vida na cidade, exige cálculo racional, e controle das emoções. Para Simmel a vida em cidade demanda alta dose de energias, as pessoas precisam poupar energia, e um dos modos seria não demonstrando suas emoções, tendo uma atitude que Simmel chama de a atitude “blasé” significa então que a vida tem que ser vivida de modo um tanto extravagante, não pode ser regada ou comedida, em Goiânia, apesar das pessoas terem apego a valores, a atitude “blasé” da superficialidade das relações sociais, a cada dia torna-se mais comum, essa foi apenas uma das evidências que percebemos em nosso trabalho de campo.

A nossa pesquisa de conclusão de curso, em ciências sociais com habilitação em políticas públicas sobre a classe média de Goiânia, procura direcionar a atenção para uma análise mais acurada sobre a posição política dessas pessoas entrevistadas, para tanto usamos alguns gráficos, com variáveis muito comuns e também próprias da nossa disciplina, ou seja, são variáveis que falam a respeito, de satisfação com a condição de classe média, e aprovação com a classe política, e perspectivas para o futuro.

Queremos analisar comportamento do indivíduo na cidade grande, indivíduos que reúnem características de pertencimento, e valores da classe alta reprovam os políticos, não a política, acham que eles são representantes das organizações empresariais poderosas, portanto qualquer um, qualquer partido, qualquer ideologia não faz a menor diferença. Estão esses indivíduos, entretanto satisfeitos, em seu pertencimento de classe média.

Tivemos o cuidado de formular perguntas simples e diretas de fácil compreensão, mesmo se tratando de uma população alvo, teoricamente bem instruída, detentora de um capital cultural razoável, de acordo com (WEBER, 1974) são aqueles que estão competindo pela posse dos bens mais desejados. Constatamos que o bom poder aquisitivo de certo modo pode alienar esse grupo politicamente falando, as desigualdades sociais parecem não afetar a classe média tradicional, nem tão pouco aquela encontrada no interior do Shopping Passeio das Águas, denominada classe média moderna ou

sofisticada, as pessoas desses dois tipos ideais, podem ser evasivas em suas respostas, e por vezes até certo ponto grosseiras.

## **CAPÍTULO 01:**

### **CLASSE MÉDIA E ATITUDE BLASÉ**

Procuramos expor nesse primeiro capítulo, as vias que conduzem ao conhecimento aprofundado sobre a classe média, para tanto, recorreremos a exposição das principais perspectivas de estratificação social de diversos autores, sendo essa uma das vias que conduzem a compreensão, da divisão das camadas sociais de nossa sociedade.

Autores de diversas concepções sociológicas foram estudados nesse capítulo. A escolha de uma perspectiva que se enquadra em nosso trabalho, teve como critério, as divisões de classe produzidas pelo mercado na estrutura de oportunidades profissionais, bem como a ação racional dos grupos e indivíduos, na tomada de suas respectivas decisões.

#### **1.1. Especialização e Mente Humana**

A mente dos indivíduos, de acordo com Georg Simmel, estimula-se pela diferenciação e pela semelhança, grandes princípios para esse autor, de todo desenvolvimento externo e interno. Mas, para a ação no âmbito das relações do indivíduo, a “diferença” perante os outros indivíduos é muito mais importante do que a semelhança entre si.

Com a organização do trabalho, os homens tornaram-se diferentes e incomparáveis, mas com essa especialização, o indivíduo passou a depender de produtos e serviços, já que cada um possui tarefa específica – a vida na cidade metropolitana segue um modelo extremamente racional.

O ritmo de vida e do conjunto sensorial de imagens mentais do indivíduo, segundo Simmel, na vida metropolitana, flui muito rápido, com relacionamentos muito superficiais, pois não se enraízam no inconsciente, são ausentes de emoções densas e paixões profundamente sentidas.

A atitude “blasé” é um fenômeno psíquico, reservado para a vida urbana da cidade grande. São estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças, são impostos aos nervos, que conforme Simmel diz, são “esticados” ao extremo que não voltam mais ao normal. Assim os nervos ficam sem a capacidade de reação, a novas sensações com a energia adequada e apropriada, o prazer egoístico, tomam sem dificuldade, conta completamente das pessoas “blasés”

Todos esses fenômenos da modernização urbana citados acima, decorrem da necessidade, segundo Simmel que o indivíduo possui de resguardar sua personalidade, autonomia, pela própria autopreservação, surge então a atitude mental negativa chamada por ele de “reserva” ou “indiferença” que com o passar do tempo pode progredir para ódio e aversão mútua.

O ponto essencial é que a particularidade e incomparabilidade que, em última análise, todo ser humano possui, sejam de alguma forma expressas na elaboração de um modo de vida. O fato de estarmos seguindo as leis de nossa própria natureza - e isto afinal é liberdade - só se torna óbvio e convincente para nós mesmos e para os outros se as expressões dessa natureza diferirem das expressões de outras. Apenas nosso caráter inconfundível pode provar que nosso modo de vida não foi imposto por outros. (SIMMEL, 1967 p.17)

O modo de vida da classe média alta, classe média, e até daquelas chamadas classes populares, de acordo com nossas entrevistas, pode-se supor que as duas fontes principais da atitude blasé segundo Simmel: a memória intelectualizada, e a economia do dinheiro, distribuem meios e conteúdo para a elaboração de um “modo de vida” que se adequa a vida moderna e urbanizada.

A memória intelectualizada, é uma fonte fisiológica que pode-se dizer é uma marca da classe média, pois são pessoas que tiveram maior tempo de estudo na educação formal, portanto de acordo com Simmel; as pessoas estúpidas que não tem existência intelectual, não são exatamente “blasé” Essa fonte leva a procura desregrada ao prazer, provocando com o passar do tempo, lesões nos nervos, que não reagem mais a novas sensações com energia apropriada.

Outra fonte que flui, A economia do dinheiro, também tem bastante afinidade com classe média. A essência da atitude blasé, consiste em alta capacidade de discriminação

O dinheiro, com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico, sua incomparabilidade. Pois expressa todas as diferenças qualitativas em termos de “quanto?”. (SIMMEL, 1967, p.14)

A classe média pode assimilar vários valores da classe alta visto que sempre estão associados à atitude blasé, para tanto iremos abordar alguns aspectos, que permitem conhecer um pouco desse extrato social.

Ordem econômica e a ordem política repousam sobre a ordem social, esta segundo (WEBER, 1974) é composta pela classe alta. O pesquisador do IPEA, Marcelo Medeiros, afirma que apenas dois por cento de toda a população nacional pertence à classe alta. Os estratos ricos detentores de poder, comandam elite política, e empresarial, cuja ação afeta diretamente uma grande massa de pessoas, inclusive os pobres, pois seus



interesses muitas vezes se chocam mais com as classes menos privilegiadas, ou seja, a classe baixa, do que as camadas médias da população.

Gerenciar sua riqueza, de acordo com interesses particulares e de grupo, é a principal atividade da classe alta, assim o efeito blasé, não afeta os extratos ricos, uma vez que sua posição de classe já está garantida, não havendo, portanto, necessidade de competição no mercado de trabalho.

Analisar as características, dos indivíduos mais ricos dos extratos da sociedade, portanto é importante para saber em que medida seus interesses se chocam com as necessidades das grandes massas não ricas da população, em especial os pobres. Logo os indivíduos ricos também se encontram em posições, segundo Marcelo Medeiros privilegiadas, para influenciar as decisões do Estado, quando se trata de políticas de seguridade social, destinadas principalmente a camada mais pobre da população.

A desigualdade é uma questão fundamental, de acordo com Celso Furtado, na sociedade brasileira, principalmente quando se trata da classe baixa da população. Os pobres sempre serão afetados, com efeito blasé, ou sem ele, como grande massa homogênea da população de baixa renda, se crescimento econômico, não for acompanhado de uma séria política de redistribuição de renda, bem como estratégias de redução das desigualdades sociais.

Assim quando investigamos classe baixa, ou classe alta, imediatamente temos que nos reportar a questões de desigualdades sociais históricas, pobreza, raça, políticas de seguridade social, etc... evidentemente essa temática não está tão ligada de encontro com os valores da classe média, modernização urbana, e modo de vida com efeitos blasé.

Qual o significado de ser classe média em Goiânia, e o impacto do processo de modernização urbana, capaz de gerar um modo de vida peculiar, que venha garantir autonomia individual, no cotidiano dessas pessoas? Tais problemas foram determinantes para decidir pela escolha da classe média. Afinal pode-se afirmar que a busca por posições mais valorizadas, e melhora de posição no estrato social, de acordo com nossas entrevistas, se constituem as metas e valores do tipo ideal de classe média goianiense.

## **1.2. Quatro Perspectivas de Estratificação Social**

A produção sociológica apresenta diferentes perspectivas para definir o conceito de classe, bem como sua aplicação na pesquisa empírica. A escolha de um critério central

que possa caracterizar tal conceito não é tarefa fácil, visto que cada autor, em diferentes épocas, faz abordagens distintas sobre o tema.

O sociólogo Bertonecelo compreende que na tradição marxista, “classe” é fundamental para compreensão da sociedade capitalista, seus conflitos e suas mudanças. A tradição weberiana trabalha com a apreensão da ideia de classe social e mercado, para a divisão de poder dentro da sociedade. Esses dois autores em particular enunciaram os conteúdos de pensamento, que orientam as demais perspectivas da sociologia contemporânea no estudo da estratificação social.

A partir da década de 1960, os estudos sobre estratificação social na Sociologia Britânica tiveram como base acadêmica principal o Colégio de Nuffield, que abriga o Departamento de Sociologia na Universidade de Oxford, realizando pesquisas comparativas, em escala internacional sobre estruturas de classe, mobilidade social, e progresso educacional. Segundo Bertonecelo, a gênese e a dinâmica desse conjunto de estudos baseados em Nuffield, se aproxima dos clássicos Max Weber, e Karl Marx que se contrapõem com a teoria e pesquisa sobre estratificação social, levadas a cabo nos Estados Unidos.

Vamos apresentar quatro perspectivas diferentes sobre como se forma uma estratificação social, e os diferentes componentes que cada teoria leva como diferenciais, para que se forme tal divisão em estratos sociais. As duas primeiras são relativas aos estudos feitos na escola de Nuffield, uma espécie de apropriação da obra weberiana e marxista, adaptada aos moldes da sociologia britânica. As duas últimas fogem a tradição clássica, Parsons teoriza sobre a formação de classes sociais pelo princípio do funcionalismo, dentro da concepção americana, enquanto Pierre Bourdieu é o principal nome da perspectiva de formação de classes através de coletividades sociais na sociedade francesa dos anos setenta.

### **1.2.1. Os Estudos de Classe no Campo Neomarxista**

Nas últimas décadas do séc. passado, com a reprodução da indústria capitalista, aconteceu uma ampliação e construção de uma camada gerencial, que poderíamos denominar de “classe média urbana” Na tradição marxista há uma polarização, contudo, entre trabalhadores e capitalistas, até mesmo em termos políticos.

A emergência de novos “atores coletivos” que não possuem sua origem no proletariado, nem mesmo na relação “capital e trabalho” e seu conflito. Os teóricos marxistas tentaram lidar com essas questões de modo diverso (BERTONCELO, 2009).

A estratégia de Erik Olin Whight, seria a superação da polarização estrutural e política, pois esse autor tem conduzido um empreendimento teórico e empírico de maior “folego” no campo marxista de “análise de classe” baseados em estudos anteriores sobre relações de dominação (WHIGHT, 1996) é trocado por outro, em que o conceito de “exploração” para ele fundamental na distinção na teoria marxista de classe.

Whight afirma que as relações de exploração, em qualquer sociedade tem como base a propriedade de ativos produzidos. As relações de exploração são definidas com base no critério de “opressão econômica” segundo o qual o bem-estar de classe exploradora, depende causalmente da privação da classe explorada, do controle de ativos produtivos, e com base no critério da “apropriação” segundo o qual o bem estar da classe exploradora, depende causalmente do esforço da classe explorada.

As localizações de classe são “posições dentro das relações sociais de produção” (BERTONCELO, 2009) Essa distinção entre modo de produção e formação social permite construir um “esquema teórico” articulado, de diferentes modos de produção, e mecanismos de exploração.

Existem 12 localizações de classe, levando em consideração os proprietários, e a quantidade de empregados que o mesmo possui, pequenos empregadores, e pequena burguesia. Em contrapartida os empregados são divididos em especialistas, qualificados e não qualificados segundo sua relação de autoridade entre gerentes, supervisores, trabalhadores não qualificados.

As novas classes médias ganharam uma posição estratégica nos trabalhos de Whight são definidas em função de relações de propriedade de ativos produzidos, com forte relação com o papel político das classes sociais sobretudo da nova classe média, o proletário não é mais o único elemento revolucionário, como ator coletivo nas sociedades capitalistas. em última análise a perspectiva de Whight, não se diferencia muito da perspectiva neoweberiana de mecanismos de fechamento social.

### **1.2.2. A Perspectiva Weberiana**

A estrutura social das sociedades modernas, de acordo com (PARKIM, 1975) é conformada por duas estratégias antagônicas. Estratégia de “monopolização”, em que os indivíduos e grupos de posições sociais “privilegiadas” mobilizam mecanismos de fechamento social para restringir o acesso a essas posições, bem como aos recursos e recompensas associados as mesmas. Em contrapartida os indivíduos e grupos sem acesso

a essas posições privilegiadas, buscariam ampliar o acesso a “recursos socialmente valorizados” através de estratégias de “usurpação”

A sociologia Britânica, bem como os estudos sobre estratificação social feitos em Nuffield, são baseados na obra Weberiana. Enfatizou-se a distinção entre as formas de distribuição de poder e o componente do conflito entre os atores sociais pelos recursos e posições sociais valorizadas. Interessantemente nota-se em tais estudos uma alternância de duas formas distintas de apropriação da obra weberiana, a clássica mais sintética, e outra que enfatiza as dimensões instrumentais ou coercitivas da vida social. Entretanto com o passar do tempo as preocupações sintéticas cederam lugar a uma teorização baseada em “ação racional”.

Em um de seus primeiros estudos Goldthorpe, Liewellin e Paine construíram um esquema de posições de classe pela agregação das principais divisões produzidas pelo mercado e sistema produtivo, e o impacto de tais divisões em termos de mobilização social, e progresso educacional (BERTONCELO, 2009). Deste modo esse esquema é desprovido de hierarquia, escala de prestígio e status socioeconômico.

Baseado em 36 categorias ocupacionais, em termos de situação de mercado e de trabalho. Neles as posições de classe dos empregados são diferenciadas em “relações de emprego” essas são o reflexo de contratos empregatícios, utilizados pelos empregadores para administrar os problemas decorrentes na relação com empregados, bem como monitoramento do trabalho dos mesmos, e a especificidade do capital humano.

De outro lado os contratos de serviços que regulam as relações de emprego, em que o capital humano é bastante específico, onde existe dificuldade de monitorar essa atividade. Duas formas típicas de contrato empregatício são diferenciadas nessa perspectiva analítica sobre estratificação social.

Goldthorpe argumenta que a partir do individualismo metodológico a explicação das regularidades macrossociais deve ser buscada na dimensão microssocial, pois devem ser vistas como resultado das ações individuais, portanto há uma poderosa resistência a mudanças demonstrada pelas “relações de classe” e chances de vida associadas a elas.

Os indivíduos agem com base em “crenças” derivadas de informações disponíveis no contexto da mera eficiência, agir racional resume-se a isso, pois essas crenças são construídas no contexto de diversas ações. As principais proposições desse modelo teórico afirmam que os indivíduos tem objetivos, meios alternativos, para persegui-los e ao escolherem entre cursos de ação tendem a avaliar seus custos e benefícios relativos (BERTONCELO, 2009)

Nesse sentido as escolhas dos indivíduos podem ser entendidas como estratégias adaptativas diante da estrutura se oportunidades que determina os benefícios e custos de dada trajetória individual. trajetórias mais ambiciosas e prolongadas são derivadas de indivíduos com melhores posições sociais, pois dispõem de meios para um período mais longo de estudos, ao passo que aqueles de posições sociais com recursos escassos tem tendência a escolher cursos profissionalizantes de mais curta duração, relativamente com menos riscos de fracasso educacional.

### **1.2.3. A Perspectiva Funcionalista**

A estratificação das sociedades modernas, segundo Parsons, é concebida em termos de um sistema de papéis sociais funcionalmente diferenciados e hierarquizados, segundo sua importância para o funcionamento do sistema social (BERTONCELO, 2009). Sob essa perspectiva americana, a estratificação social pode ser entendida como um mecanismo que integra socialmente. A hierarquia de funções e os diferentes modos de recompensa material e simbólica, expressam valores institucionalizados, e internalizados pelos atores sociais.

Em tais estudos são levados em conta valores como “desempenho” e “universalismo” (componentes dos dilemas de orientação parsonianos) e sua relação com o impacto do processo de industrialização e diferenciação social, distribuídos em uma escala de hierarquização segundo variáveis socioeconômicas, especialmente renda e qualificação educacional.

### **1.2.4. A Perspectiva de Bourdieu**

A clara intenção aqui é incorporar elementos objetivos, que conformam a estratificação social, e as práticas de classificação dos atores sociais.

ruptura com as tendências para privilegiar as substâncias... em detrimento das relações... ruptura com o economicismo que leva a reduzir o campo social, espaço multidimensional ao campo econômico, as relações de produção econômica construídas assim, em coordenadas ao espaço social... ruptura por fim com o objetivismo que leva a ignorar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos, e nos quais está em jogo a própria representação do mundo social (BOURDIEU, *Apud* BERTONCELO, 2009, p. 34).

Investigando os determinantes sociais do gosto e mais especificamente, conecta a capacidade de julgamento estético a posições no espaço das classes sociais. Para captá-lo, o autor propõe investigar a gênese do princípio gerador e unificador das práticas

sociais o *habitus* como produto da incorporação de uma condição de classe, e de seus condicionamentos sociais. Classe consiste em um

conjunto de agentes que estão situados em condições de existência homogêneas impondo condicionamentos homogêneos produzindo sistemas homogêneos de disposições capazes de gerar práticas similares e que possuem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivas por vezes legalmente garantidas (como posse de bens e poder) ou propriedades incorporadas como hábitos de classe (e particularmente como esquemas de sistemas classificatórios) (BOURDIEU *Apud* BERTONCELO, 2009, p.34 )

Como podemos ver, as disputas simbólicas constituem a dimensão chave da “luta de classes” para Bourdieu. Essas são disputas essencialmente classificatórias envolvendo a definição do conteúdo (objetos e práticas da cultura legitimam, os modos legítimos de se apropriar e a hierarquização dos diferentes estilos de vida. Embora as disputas simbólicas sejam parcialmente condicionadas pelas propriedades objetivas do espaço social, elas também impactam sobre ele, delimitando fronteiras sociais, tal como coloca Wacquant (BERTONCELO, 2009)

O modelo teórico de Bourdieu, permite considerar e construir uma perspectiva de análise de classe que avança em relação as demais, em termos de sua capacidade de sintetizar dimensões da vida social. São distinguidos um espaço de posições sociais e um espaço de estilos de vida cuja correspondência está mediada pelo espaço das disposições. As atividades simbólicas são vistas como retraduzões expressivas de condições de classe, ou seja, as diferenças de “status” expressam diferenças de classe (BERTONCELO, 2009).

No caso da perspectiva de formação de coletividades sociais de Bourdieu, vemos como os atores sociais que ocupam uma mesma região do espaço social do ponto de vista sincrônico e diacrônico, tem alta probabilidade de compartilhar esquemas de ação e classificação, devido a internalização das propriedades relacionais do espaço social.

#### **1.2.5. Limites e possibilidades das análises de classes**

O esquema teórico apresentado por Wright de posições de classe, e sua relação com meios de produção entre proprietários e empregados é articulado e idealizado enfatizando diferentes modos de produção e mecanismos de exploração, entre classe dominante e classe dominada. As relações de propriedade são pautadas por critérios de opressão econômica e exploração do trabalho

De acordo com Bertoncelo, a distinção entre modo de produção e formação social feita por Poulantzas, é insuficiente para dar conta da complexa estrutura da sociedade capitalista. Os interesses que orientam as ações dos atores coletivos, são mediados essencialmente pelo ambiente material, conformados com relações de produção entre proprietários e empregados.

Enfatizando a distinção entre as formas de distribuição de poder, e o componente do conflito entre os atores sociais por recursos e posições sociais valorizados, Jhon Goldthorpe e seus colaboradores, fazem uma apropriação da tradição weberiana para a sociologia britânica da escola de Nuffield.

Dimensões instrumentais e coercitivas da vida social determinam a estrutura de oportunidades dos indivíduos, e sua condição de vida através da natureza dos contratos de trabalho, ou contratos de serviços, levando em consideração a família e o meio social de origem do indivíduo.

Enorme debate tem sido levantado em torno da natureza e orientações políticas da classe que possui contratos de serviços, citado por Bertoncelo, Goldthorpe argumenta que esses indivíduos de ocupações gerenciais, bem como supervisores de nível alto, são em tese de orientação política conservadora pela luta em preservar suas posições privilegiadas.

Por não incorporar em seu quadro de posições de classe e contratos empregatícios a burguesia industrial, financeira, e os grandes rentistas e latifundiários donos de grandes propriedades agrícolas, Goldthorpe recebe críticas, de outra sorte a literatura feminista considera inadequada a estratégia metodológica de considerar a família como unidade de análise para origem do meio social dos indivíduos, pois isso impediria captar, como a segmentação no mercado de trabalho em termos de gênero conforma a estrutura de classes e os padrões de mobilidade social.

estratificação das sociedades modernas gera em torno de si “papéis sociais” funcionalmente diferenciados e hierarquizados segundo sua importância para o funcionamento do sistema social, ou em outras palavras o mecanismo de integração social, afirma Bertoncelo, citando PARSONS, 1964

Diferenciais de recompensa material e simbólica, valores do universalismo e do desempenho parsoniano, formam os elementos da teoria funcionalista associados ao processo de industrialização e diferenciação social.

Em tais estudos as ocupações profissionais são distribuídas de acordo com uma escala hierarquizada segundo variáveis sócio econômicas (renda e qualificação

educacional) segundo Parsons diferenciais que mais expressam expectativa de recompensa material e simbólica, conformados pelos valores institucionalizados no sistema social (BERTONCELO, 2009)

A perspectiva norte-americana foi criticada pelos estudiosos de Nuffield de forte influência weberiana, por reduzir a estrutura social a componentes meramente normativos como “status” marginalizando assim componentes materiais (BERTONCELO, 2009 ) Essa ênfase na dimensão normativa que conforma as recompensas materiais e simbólicas, impediria que se captasse o elemento do conflito gerado pela escassez (BERTONCELO, 2009)

O processo de formação de coletividades sociais e os modos como eles balizam, sociabilidade cotidiana, através de componentes objetivos que conformam a estratificação social de um lado, e do outro práticas de classificação dos atores sociais. A principal referência aqui é Pierre Bourdieu que busca superar contradições de princípios lógicos da sociologia clássica como: objetivo e subjetivo, estratégia e interpretação, bem como a ruptura com “supostos postulados” da tradição marxista, o economicismo e o objetivismo.

O espaço social, é um mapa sociológico da sociedade francesa nos anos 70. Segundo Bourdieu, *habitus* geram práticas classificáveis e classificadoras, pois o *habitus* fica intermediário entre espaço social e espaço simbólico, este sim pode ser entendido como um estilo de vida, preferência distintiva dos agentes como: alimentação, vestuário, linguagem, arte e sua apreciação. O gosto de classe é uma fórmula geradora do estilo de vida que demarca fronteiras simbólicas e sociais.

Lutas simbólicas são a dimensão chave entre os agentes, por serem extremamente classificatórias, pois elas sustentam a dominação de classe. Entretanto essas fronteiras culturais poderiam ser marcas de classe da sociedade francesa dos anos setenta, estudos associados ao programa de Nuffield comprovaram que tais fronteiras culturais são menos importantes do que as fronteiras morais e econômicas na sociedade americana, assim pode ser que também no Brasil nossa formação social não dependa tanto assim de fronteiras culturais.

Outra crítica a teoria culturalista de Bourdieu, se refere ao progresso educacional, segundo ele o mesmo depende de capital envolvendo longos investimentos culturais envolvendo o seio familiar. Como então explicar segundo Goldthorpe, a expansão educacional das últimas décadas do séc. XX, em sociedades capitalistas avançadas, cujas



principais transferências de capital, foram para indivíduos de origem de classes menos privilegiadas.

Após breves considerações críticas, referentes a algumas concepções, iremos apresentar aquela que mais se enquadra em nossa pesquisa.

Optamos pela perspectiva que enfatiza, a dimensão instrumental e coercitiva da vida social, protagonizada por Goldthorpe e seus colaboradores, pela sua orientação weberiana, incorporadas pela sociologia britânica, por sua ação racional das escolhas dos atores sociais. Porque ao longo do tempo as preocupações normativas como “status” ‘cederam lugar a algo mais instrumental baseados na ação racional do individualismo metodológico.

Goldthorpe elabora um modelo explicativo de posições de classe, associado a duas formas de contrato de emprego. Tal esquema permite localizar a posição de classe do ator social, essa distinção permite para nosso trabalho futuro sobre classe média, sobretudo a classe média goianiense, mensurar taxas de mobilidade social em nossa cidade, através do crescimento quantitativo dos contratos empregatícios de serviços.

Esse crescimento nos contratos de serviços, com alta qualificação, permitiria mensurar a intensidade de oportunidades, bem como o grau de abertura para uma ascensão profissional e, portanto, de classe social para o indivíduo. Ao mesmo tempo em que poderia mostrar se vivemos em uma sociedade aberta ou fechada a mobilidade social.

Apesar de não apontar a posição dos proprietários bem como da burguesia industrial e financeira, em nosso estudo particular esse detalhe não é relevante pois, segundo Marcelo Medeiros, em seu estudo sobre as teorias de estratificação da sociedade e o estudo sobre os ricos, eles são apenas 2% do quantitativo da sociedade, em Goiânia muito provavelmente esse índice seria ainda menor.

Quadro 1  
Esquema de Posições de Classe de Erikson e Goldthorpe

| Classe |  | Regulação do emprego |
|--------|--|----------------------|
| I      | Profissionais, administradores e gerentes de nível alto              | Relação de serviços  |
| II     | Profissionais, administradores e gerentes de nível baixo             | Relação de serviços  |
| IIIa   | Empregados não-manuais de rotina (nível alto)                        | Mista                |
| IIIb   | Empregados não-manuais de rotina (nível baixo) – geralmente mulheres | Contrato de trabalho |
| IVa    | Pequenos empregadores  | –                    |
| IVb    | Pequenos proprietários, conta própria                                | –                    |
| IVc    | Pequenos empregadores rurais   | –                    |
| V      | Técnicos de nível baixo e supervisores de trabalho manual            | Mista                |
| VI     | Trabalhadores manuais qualificados                                   | Contrato de trabalho |
| VIIa   | Trabalhadores manuais não-qualificados                               | Contrato de trabalho |
| VIIb   | Trabalhadores rurais   | Contrato de trabalho |

Fonte: Erikson e Goldthorpe (1992).

Aspectos psicossociais que afetam a vida do goianiense, por posições de emprego podem fazer com que ele desenvolva a atitude "blasé" metropolitana descrita e trabalhada por Simmel, relacionada com as estratégias descritas pelo trabalho de um dos colaboradores de Goldthorpe, Frank Parkin, em seu trabalho diz que os indivíduos que ocupam posições privilegiadas, desenvolvem uma estratégia chamada de "monopolização" de fechamento social as oportunidades de empregos com contratos de serviços, mobilizando mecanismos para restringir o acesso a tais posições privilegiadas.

Atitudes consideradas extravagantes, egoístas, e superficiais ao convívio em sociedade, podem denunciar transtornos da personalidade, principalmente quando essas são desenvolvidas na vida da cidade, no meio urbano.

Essa estratégia de monopolização descrita por Parkin, pode levar indivíduos que ocupam cargos de gerencia, ou supervisores de alto nível, a desenvolverem a atitude "blasé" e futuros problemas de transtorno da personalidade. A abordagem desse fenômeno metropolitano tem destaque em nossa pesquisa sobre classe média, argumentamos que ele deve ser combatido através de políticas públicas que visem implementar espaços físicos na cidade de Goiânia, que venham propiciar recreação, lazer, e bom convívio em comunidade.

### 1.3. A Cidade e suas formas

Como resultado das suas atividades de cooperação e concorrência, entre os grupos e indivíduos surgiu a cidade, inicialmente pequena concentração de gente,

desempenhando certas funções, depois comunidade maior, que atingiu por vezes, a amplitude de metrópole.

O processo de modernização urbana, está intimamente ligado as transformações econômicas e tecnológicas, pelas quais uma cidade venha a passar. Redfield e Singer em *A cidade e o homem: a sociedade urbana*, falam de dois tipos ideais de cidade, que merecem nossa atenção, pois através de exame do aspecto histórico e contemporâneo, uma cidade pode ser do tipo “ortogenético” ou “heterogenético”.

Cidades ortogenéticas são comunidades nas quais a moral local, e as normas religiosas prevalecem e encontram expressão intelectual nos homens de letras locais, apresentando diversas características da cultura popular.

No tipo de cidade heterogenético, as culturas populares do local, são amplamente substituídas, por formas culturais criadas principalmente em torno da produção e distribuição de bens, ou da administração política. O povo é cosmopolita, possuindo cultura heterogênea, pelo impacto da transformação econômica e tecnológica. Fica assim estabelecida uma organização racional, que define as relações entre compradores e vendedores, empregadores e empregados, governantes e governados.

Hoselitz (1955), classifica as cidades baseado em urbanização, crescimento econômico, transformação cultural. As cidades segundo o autor podem ser, “generativas” ou “parasitárias” segundo suas funções econômicas.

Uma cidade é generativa diz Hoselitz, quando seu crescimento e sua existência, são fatores importantes no desenvolvimento econômico da região, e até do país em que se situa. É parasitária quando seu efeito econômico é nulo e desfavorável. Essas qualidades generativas ou parasitárias podem se alternar, pois uma cidade pode ser economicamente generativa e culturalmente parasitária, parece que muitas cidades estabelecidas para benefício de países coloniais, enquadra-se melhor na classe parasitária, funcionava como escoadouro através do qual, a riqueza de uma nação era sugada e transportada para fora, deixando o grosso da população empobrecida.

Baseado principalmente em dados profissionais, Kneedler (1945) fez um esforço para estabelecer um critério de classificação de cidades dos Estados Unidos, utilizando dados sobre atividades econômicas e profissionais, proporção de trabalhadores empregados em determinado setor da economia industrial, ou de serviços e comércio.

As cidades podem, portanto, serem classificadas de acordo com as características da sua estrutura profissional. Para Gillen (1951) o índice profissional de uma cidade em sua opinião, é significativo porque há uma grande correlação entre esse índice profissional, com índices da área da saúde, educação, moradia, e outros aspectos da vida da cidade.

A classe média campineira, remonta em suas origens o tipo ideal “ortogenético” por reunir características históricas do conservadorismo tradicional, e traços da cultura popular do Estado de Goiás, ainda que de modo comparativo por aproximação, a população da classe média campineira, ou a camada média do bairro de Campinas, guarda consigo aspectos de indivíduos (povo) de cidade “ortogenética”, pois o levantamento de dados da pesquisa, no trabalho de campo, através de entrevista e observação, aponta nesse sentido.

De outra sorte a classe média goianiense, aquela que pode residir em outros locais de Goiânia, vindas para a jovem capital nos anos 30, ocupando profissões burocráticas de órgãos públicos, seus remanescentes se enquadram em povo de cidade heterogenética. Fundamentado na perspectiva de Redfield e Singer, e observação dos frequentadores, no shopping Passeio das Águas, podemos supor que, formas culturais de cidade heterogenética, são criadas em torno da produção e distribuição de bens, ou da administração política.

As formas culturais populares ou “indígenas” no tipo ideal de cidade heterogenética, foram desfeitas sob o impacto das transformações da economia e da tecnologia, pois sua organização racional define claramente as relações entre os indivíduos, levando os mesmos a praticarem, em dado momento, a atitude “blasé” descrita por Simmel, própria da clausura das metrópoles.

#### **1.4. Valores e Sociedade**

Para a compreensão da atitude “blasé” é fundamental entender a questão dos valores e sua inter-relação com a sociedade. Assim, mesmo que sinteticamente, é necessário abordar essa questão. O ponto de partida é compreender o que são valores. Existem vários autores e abordagens (sociológicas, filosóficas, psicológicas) sobre valores, bem como definições. Para nosso objetivo, na presente pesquisa, entendemos que os valores são aquilo que é importante e significativo para os indivíduos (VIANA, 2007). Os valores, nesse sentido, são aquilo que os indivíduos julgam importantes e qualificam

como “bom”, “belo”, “relevante”, etc. O mundo é avaliado pelos indivíduos e, portanto, os seres humanos atribuem valores às ideias, objetos, relações, etc., ou seja, o conjunto de seres, eles podem ser os objetos, pessoas, ideias, etc. Isso significa que, nessa abordagem, os valores não têm atributos próprios, tal como colocam alguns filósofos.

Além da definição do que são valores, é fundamental avançar no sentido de entender que, como produto cultural, são constituídos socialmente. Segundo Viana (2007), O ser humano é um ser social, a suas ideias, concepções, valores, etc., são sociais. Assim, as relações sociais, são determinações da constituição de valores. Os valores expressam os indivíduos e sua formação social, inseridos em classes sociais, com determinados interesses. Os valores são produzidos no âmbito geral da sociedade e de suas divisões, especialmente a divisão de classes, pois as classes sociais possuem interesses distintos e, em alguns casos, antagônicos, gerando, por conseguinte, diferenças valorativas, embora, segundo Viana, os valores dominantes são os valores da classe dominante.

Assim, a concepção de valores de Viana se torna importante para nossa pesquisa. Porém, esse autor parte da concepção marxista de classes sociais e nossa abordagem aponta para outra concepção de classes sociais. Consideramos que isso não gera contradição se demarcarmos que o que o autor denomina “classe dominante” ou “classe capitalista (burguesa)”, na atual sociedade, é o que denominamos “classe alta”. Por outro lado, o que o autor denomina “classes exploradas” ou, especialmente na sociedade atual, “proletariado”, denominamos “classe baixa”. Sem dúvida, a classe baixa, em nossa percepção, vai além do proletariado (e incluiria o que o autor denomina lumpemproletariado, campesinato, etc.).

Esse esclarecimento é ainda mais importante se notarmos a relação que o autor faz entre valores e classes sociais. Para o autor, existem valores axiológicos e valores axionômicos. A axiologia é uma determinada configuração dos valores dominantes e a axionomia é uma determinada manifestação dos valores autênticos, entendendo por esses aqueles que correspondem à natureza humana, às necessidades humanas mais profundas. Assim, os valores axiológicos são dominantes e correspondentes aos interesses da classe alta (“dominante” ou “capitalista”, segundo o autor) e os valores axionômicos são correspondentes à natureza humana, e aparecem, contraditoriamente e ambigualmente, na classe baixa, e somente com as lutas e transformação social isso se manifestaria sem contradição (momentos de revolução social, de constituição de uma nova sociedade). O

autor considera como valores dominantes aqueles que correspondem aos interesses da classe alta, tais como competição, status, riqueza monetária, poder, fama, sucesso, etc. Já os valores axionômicos seriam os da solidariedade, criatividade, liberdade, cooperação, etc. Estes são geralmente marginalizados na sociedade atual. A origem desses valores remete à sociabilidade da sociedade capitalista, que é marcada pela competição, mercantilização e burocratização.

Assim, partimos dessa concepção de valores, mas entendemos e nomeamos as classes sociais de forma distinta. E uma última diferença é na terminologia em relação ao que chamamos “classe média”. Na concepção de Viana (2007), esse termo não tem sentido. Para Viana, existem classes sociais que não são a burguesa e a proletária, e entre essas existem outras classes que ficam entre as duas e outras que ficam próximas do proletariado, as classes inferiores. Como colocamos, o que o autor denomina proletariado e classes inferiores nós denominamos “classe baixa”. As outras classes, tal como a burocracia e a intelectualidade, o autor considera que são classes auxiliares da burguesia, e eles nós denominamos “classe média” (e incluímos também os pequenos comerciantes e pequenos proprietários).

Desta forma, julgamos que a adoção da teoria dos valores (conceito, processo de constituição, formas distintas, relação com as classes sociais) de Viana (2007) não contradiz nossa análise, pois substituímos a relação com as classes capitalista (dominante), auxiliares e inferiores por classe alta, média e baixa. A questão dos valores, por sua vez, especialmente os valores dominantes (axiológicos), que são hegemônicos em nossa sociedade, são fundamentais para entender a atitude blasé, tal como se poderá perceber no desenvolvimento da presente pesquisa.

## **CAPÍTULO 02:**

### **A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE**

Julgamos coerente e relevante, abordar as origens da construção de nossa capital, na medida em que podemos fazer contextualização com o estudo de conhecimento da sociedade goianiense, seus aspectos e seu desenvolvimento social. O histórico de vida das pessoas que aqui residem, diz muito acerca dos seus valores<sup>1</sup>, na medida em que a fundação da capital goiana reflete o seu desenvolvimento sociocultural, Campinas guarda a tradição, enquanto a classe média moderna e sofisticada se mostra envolvida na burocracia, com predominância dos cargos e poder.

A partir da década de trinta, até os dias atuais nossa pesquisa tenta compreender, como a ética dos valores, e suas conseqüentes mudanças, contribuem para o desenvolvimento da atitude blasé, da classe média goianiense.

#### **2.1. Breve histórico da classe média goianiense**

A fundação de Goiânia, está intimamente ligada a vitória da revolução de 1930, e a nomeação do interventor federal, Pedro Ludovico Teixeira. Segundo o escritor José Mendonça Teles, a ideia de mudar a capital era um sonho antigo, pois Pedro Ludovico sabia que se continuasse a governar na antiga capital, teria forte oposição de seus adversários políticos, entendeu que continuar na velha capital seria governar com o passado, e com o atraso. Somente uma mudança brusca, era capaz de tirar o Estado do isolamento em que se encontrava.

A classe média goianiense nasce, podemos dizer de acordo com José Mendonça Teles, no ano de 1937:

Todo o ano de 1936 foi consumido na construção dos edifícios públicos, para a mudança definitiva da capital, que estava prevista para o ano seguinte. Vários órgãos da administração, saúde, polícia militar, fazenda, e segurança pública, já estavam em Goiânia. Restava agora a mudança definitiva que se deu pelo decreto n. 1816, de 23 de março de 1937 (TELES, 2004, p. 38)

Intimamente ligado com a classe média goianiense, é o Batismo Cultural da nova capital, ocorrido no dia 5 de julho de 1942. De acordo com o livro: A vida de Pedro Ludovico – Fundação de Goiânia, para cá vieram os mais expressivos homens públicos

---

<sup>1</sup> Valores são o conjunto de seres, que possuem uma atribuição dada por seres humanos.

do país, testemunhando o ingresso de Goiânia, no cenário político, administrativo, e cultural do Brasil. Afinal Goiânia estava pronta, cidade planejada construída em 9 anos.

Campinas carregava segundo o autor José Mendonça Teles, as honras de ter cedido as terras, para a edificação da nova capital. A sociedade era fechada, as famílias tradicionais, extremamente religiosas. E a nova geração da classe média de Goiânia, procurava ridicularizar os campineiros. Daí, as sérias desavenças que surgiam, desavenças essas levadas para o campo esportivo, com Atlético desafiando o Goiânia Esporte Clube.

Entretanto os campineiros e goianienses, no fundo já sabiam que o sentimento de solidariedade prevaleceria, que um dia tudo seria Goiânia. O tempo passa, mas não consegue apagar as raízes do conservadorismo, a tradição, os costumes e traços da vida no campo dos moradores da classe média campineira, que resiste ao ritmo de vida da metrópole. Por outro lado, a classe média goianiense, assimila muito rápido as imagens mentais, e o ritmo de vida da atitude blasé metropolitana.

O fenômeno da atitude blasé metropolitana, e seus efeitos em classes médias distintas, porém dentro de uma mesma metrópole como Goiânia, será objeto de nossa pesquisa através de comparações e da psicologia social.

Podemos afirmar que já existia no Estado de Goiás uma classe alta, era precisamente a oligarquia rural da república café com leite dos grandes coronéis de terras, antes da revolução de trinta. Contudo para fazer movimentar o aparato administrativo dessa nova capital, Pedro Ludovico precisava atrair para Goiânia, mão de obra qualificada, bem como funcionários públicos da burocracia da nova capital, vinculados à autoridade legal, provavelmente vindos de outros Estados da união.

O historiador Rodrigo de Oliveira Soares, (2015) aborda a questão da exploração imobiliária em Goiânia. Conforme sua pesquisa, o luxo dos condomínios horizontais nessa região da capital, está no mesmo espaço geográfico da miséria e marginalidade da invasão do Setor Real Conquista, ou seja, atrás das casas elegantes, há casebres, refletindo os profundos contrastes entre as classes sociais.



## **2.2. Diferença e semelhança entre as classes médias de Goiânia**

Goiânia é uma grande metrópole, assim sendo, tem como característica uma elevada divisão do trabalho. Há grande concentração de pessoas lutando pela sobrevivência, assim o indivíduo procura especialização em uma função na qual não possa ser facilmente substituído. Esse processo promove diferença, o refinamento e maiores necessidades da vida cotidiana no meio urbano, trazendo crescimento da diferenciação entre as pessoas e grupos.

Fazendo um paralelo comparativo entre, tipos diferentes de classe média entre bairro de Campinas, e Shopping Passeio das Águas, poderia se dizer que se trata de um contraste entre meio rural e meio urbano. Enquanto que o primeiro conserva valores, jeito provinciano, pouca capacidade de discriminação, o segundo não revela preferência a valores, possui fenômeno psíquico de atitude blasé reservado para metrópole, a essência de tal atitude reside no poder de discriminação, própria dos indivíduos da cidade grande, porque julga que o indivíduo do campo tem vida menos intensa e com menor poder de consumo dos bens produzidos pelas indústrias.

Entretanto, há pontos de similitude nos dois “estilos de vida” o cálculo monetário é comum entre essas pessoas, porque sabem mensurar o valor do dinheiro, da situação econômica do país, de modo quase que inconsciente, conferem depoimentos muito parecidos sobre esses temas da vida real, bem como a quase obrigação de reprimir traços e impulsos irracionais e instintivos.

A natureza coercitiva da ordem social, descrita por Goldsthorpe, também pode ser encontrada nos traços psicológicos dos entrevistados, em ambos os casos os indivíduos seguem a ação racional, são atores sociais fazendo escolhas para se adaptar de acordo com uma estrutura de mercado e oportunidades que se impõe, não se importam em agir para mudar essa estrutura externa impositiva, apenas fazem cálculo de recompensa e punições pelas suas escolhas, seguindo crenças.

Não há tipo de classe média melhor nem pior, na cidade de Goiânia, mas depende do modo como fazemos a abordagem da questão do estilo de vida, ou condição de vida que essas pessoas decidiram desenvolver. O meio ambiente em que vivem exerce um

poder considerável para a adoção digamos de um estilo “blasé” porque ele é próprio das metrópoles, contudo quando em intensidades acima do normal, provoca estratégias de fechamento social, nocivas a vida em sociedade.

Amenizando os efeitos “blasé” ou desblaseficando a sociedade goianiense, através de políticas públicas, maior conhecimento sobre a classe média da nossa cidade, crescimento dos contratos de serviços especializados, no comércio e na indústria, podem contribuir para o processo de mudança na estrutura de oportunidades e situação de classe em nossa capital, e a conseqüente melhoria na qualidade de vida.

Mas por que, fazer um projeto de pesquisa científica, tendo como objeto de estudo, a classe média goianiense? Qual seria sua relevância? Visto que há poucos estudos com essa perspectiva, principalmente em se tratando da cidade de Goiânia, que se consultarmos os bancos de dados estatísticos, como o Instituto Mauro Borges, veremos se tratar de uma metrópole com profundas desigualdades sociais, principalmente em termos de concentração de renda, o que evidentemente provoca altos índices de violência no meio urbano goianiense. O primeiro referencial teórico escolhido, foi justamente a dissertação da mestranda em sociologia, Najla Franco, que tem como título: Medo, enclausuramento e representações da violência, abordando a tipologia sócio espacial de Goiânia e região metropolitana, levando em conta a ocupação profissional das pessoas de classe média, ou seja a profissão, como variável central da estrutura social, sem contudo desprezar a escolaridade, e renda como componente importante no estudo da camada média goianiense.

A partir da construção dessa estrutura socio-ocupacional foi possível analisar como esta se manifesta no espaço urbano. Isso pois, como o dado do Censo Demográfico é obtido nos domicílios, ao visualizar as categorias sócio ocupacionais no território pode-se localizar as pessoas no espaço, segundo sua posição na referida estrutura social (FRANCO, 2009, p.57)

Entretanto entendemos por “Classe média” pessoas de alto poder aquisitivo, detentoras de capital cultural elevado e portadoras de herança familiar, mas que nem por isso são consideradas da “elite” não são pessoas ricas, ou em outras palavras não pertencem a classe alta. A condição de classe média para Najla Franco seria apenas por se diferenciar de atributos pessoais em suas profissões como artistas e pequenos empregadores.

O nosso fundamento da noção de classe média, tem origem no discurso do sociólogo Jessé Souza, para ele só existe no Brasil, três classes sociais: classe alta, classe

média e classe baixa, nós adotamos essa linha de pensamento em nossa pesquisa, por entendermos que a classe média tem condições de progredir, ou reproduzir sua condição social e econômica, dispondo em tempo, e dedicação aos estudos para si próprio e os de sua família.

Outro fator classificatório como “classe média” seria o fato de que historicamente, elite e classe média sempre trabalharam juntas e organizadamente, pelos mesmos interesses e objetivos. Nesse aspecto vamos abordar a classe média e sua relação com a exclusão social, sua dimensão psico-social, principalmente quando essas pessoas desenvolvem um comportamento de atitude blasé, em contato com o mercado, nas dependências de um shopping center, onde os valores, hábitos e costumes tidos como comuns em nossa sociedade goianiense, são trocados por atitudes de máscaras, calculistas, e de relacionamentos sociais extremamente superficiais. A classe média goianiense, dos valores à atitude blasé; é o nosso tema, por convenção nosso problema é: É possível identificar em Goiânia um impacto do processo de modernização urbana, no sentido de gerar os efeitos “blasé” de que fala Simmel?

O fundamento teórico parte de autores, que fazem análise do comportamento humano como Simmel, Weber, Backer, e sociólogos como Jessé Souza, bem como a dissertação de mestrado de Najla Franco, envolvendo a classe média de Goiânia, e outros autores que estudam os conceitos de inclusão e exclusão social, como Serge Paugan, Bader Sawaia, Denise Jordelet, todos eles abordando fortemente a psicologia social, e sua relação com o conceito de inclusão e exclusão social.

Como não poderia ser diferente optamos pelo método comparativo, no estudo da classe média goianiense, aos antagonismos que reportam a esse segmento da sociedade de nossa capital, de modo particular suas aspirações, seus interesses. Para compreendermos analiticamente os efeitos da atitude blasé em Goiânia, recorreremos aos antagonismos; privilégio e preconceito, por entendermos que a complexidade e contraditoriedade constituem no processo de modernização urbana.

As evidências dos dados coletados apontam que a atitude “blasé” influenciada pelo mercado do consumo, status social, vida de costumes extravagantes visando o prazer máximo, a vida urbana pautada pelo relógio, ausência da demonstração de emoções, formam o conjunto da vida urbana moderna daqueles que não se incluem no ritmo de vida “capitalista” ’é quase que automática, a classe média por sua vez, como constatamos de modo algum pertence a essa massa de “excluídos”

Vamos direcionar nossa atenção, em uma chamada correlação positiva, entre atitude blasé, ou privilégio da camada média goianiense, e preconceito imposto as outras pessoas, isto é, a classe baixa. Segundo Georg Simmel, atitude blasé metropolitana é caracterizada;

Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente preservado á metrópole quanto a atitude blasé. A atitude blasé resulta em primeiro lugar, dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças, e compressão concentrada, são impostos aos nervos. Disso também parece jorrar originalmente a intensificação da intelectualidade metropolitana. Portanto as pessoas estupidas que não tem existência intelectual, não são exatamente: blasé. Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma: pessoa blasé porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo, que eles finalmente cessam de reagir completamente. (VELHO, 1967, p.14)

Foi justamente o que observamos, quando as pessoas se entregam ao luxo, no shopping center comprando indiscriminadamente, em uma das vezes pude presenciar, que a ostentação de sacolas de lojas de grife, era uma forma de dizer que tinha recurso financeiro de sobra, ostentação é marca da atitude blasé, ao mesmo tempo que serve para mostrar que não pertence a classe baixa, pois possui privilégios, o dinheiro é marcante, segundo Simmel;

O dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de “quanto”? O dinheiro, com toda a sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico, e sua incomparabilidade (VELHO, 1967, p.15)

O ambiente no interior do shopping, suas repartições, a estrutura arquitetônica, tudo é projetado para ter afinidade com um certo público alvo, a classe média moderna e sofisticada de Goiânia, mas para que esse objetivo possa ser alcançado, a discriminação é usada como instrumento, cuja função é fazer um refinamento da clientela mais desejada. A discriminação é sutil, porém eficaz, pois afugenta os indivíduos da classe baixa e atrai aqueles pertencentes a classe média moderna e sofisticada.

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, que sejam proporcionadas por corridas de cavalos, ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar, não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos, e seus temperamentos. (VELHO,1967 p.67)

## **CAPÍTULO 03**

### **A CLASSE MÉDIA GOIANIENSE E A ATITUDE BLASÉ**

#### **3.1. O Shopping Center Passeio das Águas**

Há em Goiânia outros shoppings, cuja concentração de classe média, sem dúvida é maior, esse fato poderia levar a conclusão de que nossa escolha foi equivocada. Entretanto em nossa sociedade classista, com grande diversidade de valores, sobretudo valores inautênticos, queremos observar como se comporta, a classe média moderna e sofisticada em inferioridade numérica, dentro de um shopping center, pois a vida urbana em nosso cotidiano, é pautada nestes termos.

O ambiente do shopping center Passeio das Águas, possui lojas que vendem roupas de grifes muito caras, para a maioria das pessoas de Goiânia, com uma decoração simulada, onde não há relógios, que lá está, esquece o mundo exterior para melhor se consumir. O mundo maravilhoso do shopping center, aberto a todas as classes sociais, porém constatamos somente alguns são olhados com bons olhos, afinal a aparência de classe média ou alta é fundamental em alguns lugares para ser bem tratado e levado em consideração, vamos relatar posteriormente o que acontece quando em algumas lojas, nos apresentamos com roupas limpas, porém bem simples para aquele ambiente.

Evitando os reducionismos da simples análise histórica, de um passado de oligarquias de grandes proprietários rurais, ou seja, que os goianos carregam uma herança de coronelismo autoritário, as pessoas poderiam se apegar aos “mandatos” e disso resultaria uma obrigação para si, de um comportamento ético moral conservador. Reconhecemos, todavia, que tal herança está ligada a uma variável de dimensão econômica, visto que faltava recursos e investimentos antes da década de 30, logo não havia cidades ricas, empregos, fábricas, etc... então formava-se grandes fazendas com chefes autoritários que impunham sua autoridade através da violência física. Descobrir que a classe média goianiense da capital, sofre grandes transformações sociais, a partir da construção de shoppings, o primeiro deles chamado de shopping flamboyant. Esses dois fatores contribuíram de modo decisivo para o comportamento das pessoas de classe média, pois entendemos que houve uma alternância da tradição, fincada na crença da religião, e influências patriarcais de ação estritamente tradicional, para orientação ligada e planejada com relação a valores.

### **3.2. Shopping center, uma alternância orientada de comportamento**

Destoando dos depoimentos coletados nas entrevistas, em que os valores têm preponderância acima de tudo, percebemos com base nos dados empíricos de observação participante, que essa chamada classe média, portadora de herança financeira e também um bom capital cultural, se transforma quando se integra no maravilhoso mundo de consumo dos shopping centers. ambiente do shopping principalmente no comportamento da classe média goianiense, o prestígio, sofisticação, integram o conjunto dos valores dominantes inautênticos, na sua escala mais alta, são fundamentais do comportamento individual das pessoas no shopping, focadas e decididas no modo de existência do “ter”.

A psicologia social da Escola de Chicago, através de um dos seus expoentes, Howard Becker, aborda como as pessoas tem uma séria tendência a se tornarem cínicas quando estão em grupos, impessoais ao extremo, poupando energias porque vão necessitar das mesmas, para obter o máximo de vantagem em qualquer circunstância oportuna sobre os outros. No segundo dia de nossa observação podemos constatar, que as pessoas de aparência mais simples naquele ambiente do shopping das águas, tinham necessidade de ostentar chaves de veículos, para disfarçar seu modo simples de vida, e ao mesmo tempo mostrarem que não eram tão pobres quanto a aparência física, principalmente entre pessoas negras podemos observar um certo constrangimento imposto pelo contexto do shopping. Tudo naquele ambiente é feito para fazer contrastes, as pessoas que não se enquadram no estereótipo são denunciadas instantaneamente, seja pelas suas vestimentas, o modo de andar, o seu jeito de conversar, são verdadeiros marcadores de situação de classe social, que se evidenciam por si próprios.

Em umas das vezes, quando fizemos nossa observação, visitamos algumas lojas para conversar com vendedores, eram lojas de calçados, outras de vestuário, outras de eletrodomésticos. Interessantemente que em uma das oportunidades eu me apresentava com roupas simples, porém estavam limpas, e elas estavam bem passadas, eram roupas bem usadas e não eram de grifes, e fora de moda, fui extremamente mal atendido no primeiro momento da chegada, me parece que o impacto causa uma certa repulsa nesses vendedores, o destoante, fora de contexto produz constrangimento. Contudo através do argumento, discurso da palavra, consegui estabilizar aos poucos aquela situação. Depois de uma semana eu voltei nas mesmas lojas, porém trajava roupas de acordo com o ambiente, eram novas e de marca razoável, eram o chamado “fashion”, eu me integrava à decoração, fazia parte do todo e fui bem atendido pelos vendedores, não fui olhado de

baixo para cima como da primeira vez. Notei uma grande diferença, muito embora nada comprando, apenas conhecendo para uma eventual compra futura. Entretanto essa natureza de situação pode ocorrer em qualquer empresa comercial, em qualquer lugar que se vá bem vestido ou malvestido, Mas o fato é que no ambiente do shopping, a sensação de exclusão de não pertencimento, é muito mais latente, o olhar das pessoas de classe média quando andamos malvestido, no shopping é diferente, eu me senti um verdadeiro “outsider”.

Os grandes terrenos nas periferias das capitais do Brasil, inclusive Goiânia, são usados muitas vezes para a construção desses verdadeiros gigantes do entretenimento e consumo da sociedade moderna. O processo de discriminação de pessoas da classe baixa, do mundo dos shoppings também pode ser notado por essa estratégia da construção em locais de difícil acesso, através do transporte urbano.

Para que se tenha uma ação social, segundo Max Weber, antes é necessário que haja uma relação social, que considere os atores e agentes. Orientando-se pela reciprocidade e seu conteúdo significativo, seriam as trocas no mercado dentro do shopping, entendidas como relação social, podemos também entender como competição social. Num primeiro momento seriam ações sociais orientadas em termos de valores, contudo entendemos que os valores cedem lugar para a atitude “blasé” da vida urbana da capital. O cálculo, a vida controlada pelo relógio, autocontrole das emoções, a procura em levar vantagem em todas as situações, essa atitude “blasé” se aproxima em seu conteúdo, aos valores conservadores. Os valores como de início, através dos depoimentos, questionários, e entrevistas por telefone, nas ações observadas no shopping das águas foram completamente esquecidos, pois a classe média goianiense quando estudada no mundo maravilhoso de consumo e fantasia, se transforma de modo radical, em seu comportamento humano, ou seja, “ação” referindo-se ao comportamento de “outros” e sua interpretação do conteúdo de sentido.

Quando, ao contrário, se imita um comportamento alheio porque está em “moda” ou porque é tido como “distinto” enquanto estamental, tradicional, exemplar ou por qualquer outro motivo semelhante, então sim, temos uma relação de sentido, no que se refere a pessoa imitada, a terceiros pessoas ou a ambas as pessoas” (Weber, 2010, p.426)

Através de evidências e comportamentos relevantes sociologicamente, interpretando o sujeito das ações, inferimos que a classe média goianiense seque seus hábitos e costumes relacionados ou correlacionados positivamente com valores, mas em um segundo momento, quando envolvida com o mercado, o consumo da metrópole de

Goiânia, principalmente no shopping center, a mesma cede lugar para um comportamento “blasé acompanhada de valores axiológicos<sup>2</sup>. Afinal tal atitude é descrita por Simmel como altamente calculista, impessoal, caracterizada pela superficialidade nos relacionamentos sociais da vida urbana. Tabelas com respostas foram construídas, alguns gráficos, entrevistas foram feitas, e apesar de ser um breve trabalho de campo, tivemos uma pista que dirige nossa atenção para duas formas de ação dotada de sentido, da classe média goianiense, usamos a categoria “dinheiro” porque existe expectativa de muitos dispostos a recebê-lo, sua ação está orientada na expectativa de que muitos estarão dispostos a aceita-lo em uma troca futura.

A simples expectativa portanto de objetos materiais não constitui uma ação social, e sim uma ação externa e suas reações, foi uma tarefa em nossa pesquisa separar de modo claro, através da análise interpretativa do “agente social” e “ator social” as regularidades das ações sociais e suas orientações.

### **3.2. O lugar de mercado goianiense - bairro de campinas**

Usamos o método comparativo, na abordagem da questão da classe média goianiense. Vamos comparar os valores fundamentais dos indivíduos do Bairro de Campinas, e dos frequentadores do Shopping Passeio das Águas.

O comércio, aliado a uma forte tendência ao conservadorismo, é notório pelas vitrines de venda do vestuário, calçados, não há ousadia nas vestimentas a serem comercializadas, quer dizer que as novidades, tendências de moda demoram a chegar no bairro de Campinas.

A presença de grande número de comerciantes de eletrônicos, coreanos e asiáticos em geral é muito forte de alguns anos para cá no bairro, porque anteriormente, o que predominava era a venda de tecidos naquele local, segundo alguns depoimentos de proprietários de lojas, esse fenômeno decorre da escassez de produto no Brasil, nosso país hoje não produz tecido, para abastecer o mercado interno, o produto está escasso, muito caro, não compensa fabricar roupa, diz um proprietário de loja, queixando-se, é mais barato comprar pronto da China, desabafa o comerciante que mudou de ramo.

---

<sup>2</sup> Valores axiológicos, são padrões possuidores de supremacia sobre os demais padrões de valores existentes na sociedade.



Quando andava pelo bairro, mais precisamente na rua Honestino Guimarães, deparei-me com um senhor que vestia roupas da primeira metade do séc. XX. Ele estava caracterizado como um fazendeiro, um chapéu e botas de couro, um terno escuro, e fumava cigarros de palha, andava tranquilamente sem ser notado, em direção ao mercado de campinas, a figura do “coronel” proprietário de terras é marcante nesse bairro de nossa capital, confessa um ambulante, eles influenciam até hoje em nossa política, declara.

Através dos tempos, todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente, se cobre com sentimentos peculiares a sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica, converte-se em vizinhança, isto é uma localidade com sentimentos, tradições, e uma história sua. Dentro dessa vizinhança, a continuidade de processos históricos, é de alguma forma mantida. (PARK, 1967, 27)

Esse ambiente de cidade do interior, embora pertencendo a capital, Campinas não é propícia a uma atitude “blasé” de metrópole, o sossego embora tenha um comércio muito forte, é marcante pela sensação de que se está pelo menos, diríamos uns trinta anos recuados no tempo, pela atitude das pessoas, embora racionais, não são tão frias e superficiais, há pelo menos num primeiro momento, a impressão de que, possa haver apenas valores autênticos como a liberdade e a inexistência dos inautênticos como a competição, porém essa noção é um tanto fantasiosa, e não corresponde à realidade do bairro de Campinas.

Considerando as semelhanças e diferenças, em nosso estudo, para melhor compreender o estilo de vida das pessoas, quando em contato com o lugar de mercado, especificamente aquela camada da sociedade que pode ser enquadrada como classe média, possuidora de renda alta e bom capital cultural, vamos observar o mercado do shopping passeio das águas, movido pelo princípio capitalista, esse lugar é bem diferente do bairro de campinas.

A primeira sensação que temos, é que estamos em um lugar gigante, e somos muito pequenos em relação ao mesmo, somos observados se não estivermos bem vestidos, em última análise temos certeza de não se tratar de um lugar para a classe baixa, se por acaso pertença a essa camada da sociedade, será discriminado com toda certeza. Trata-se de um, sistema construído para denunciar a classe social de onde as pessoas têm origem, construído por essa medida e com esse fim, evidenciam valores de classes sociais diferentes.

Comparando as semelhanças entre o lugar de campinas e lugar do shopping, e suas respectivas classes média, está explícita a intenção de obter lucro através do comércio de produtos, o equilíbrio racional entre receita e despesa, que os capitalistas sabem tão bem

fazer, se faz presente nesses dois lugares de Goiânia. Os indivíduos se sentem parte de uma “massa” que coloca a política de modo negativo, prejudicial ao seu cotidiano, isso é devido a ação de quase todos, condicionada pela “massa” determinando um estado de espírito, nas pessoas da classe média dos dois lugares, uma certa “aversão” de política e políticos.

Isso segundo seus depoimentos, não há por parte do governo incentivo para o comércio, muitos impostos, falta de segurança, especialmente quando se fala do bairro de Campinas, que segundo alguns depoimentos, não há como não ser assaltado, é impossível não ser roubado, praticamente todos os comerciantes daquele bairro tiveram seu estabelecimento invadido por meliantes. os políticos são desonestos, afirmam em suas respostas. Um certo ritmo de vida interiorano, os hábitos por exemplo de passear no mercado central, a praça Joaquim Lúcio, como local de bate papo, não é apenas por incrível que pareça um lugar apenas de “aposentados” pois eu pude ver algumas pessoas de meia idade, e alguns jovens adolescentes, em horário comercial desfrutando de uma boa conversa.

Os costumes permanecem vivos na memória das pessoas, principalmente em suas vestimentas, são roupas do cotidiano, em outras palavras não tem o fim de chamar a atenção dos outros, em uma das vezes que estava nesse trabalho de campo, observei algumas pessoas fumando cigarros de palha ou fumo de rolo, comprados no mercado central. Se há sensação de tranquilidade em campinas, o mesmo não ocorre no Shopping, as pessoas estão alegres em seus semblantes, mas parece que estão apressadas, quando andamos naqueles corredores, muito limpos, perfumados a assepsia do local favorece o moderno, digital, analógico, tudo coopera de modo meticuloso para o consumo. A moda é preocupação constante, aparência é tudo ou quase tudo. Os valores, que se evidenciam por hábitos e costumes nesse ambiente mudam em um tempo muito curto, tudo é centrado em “moda”, segundo Weber, quando se imita um comportamento alheio, por moda ou tido como “distinto” e exemplo de modernidade, há orientação de sentido no comportamento de terceiros, portanto um tipo de ação social com relação a fins, porque são meios para se conseguir fins perseguidos e avaliados de modo calculista.

O problema da nossa pesquisa não é avaliar se os valores, devem servir de modelo para a nossa vida, mas como a classe média absorve o efeito blasé.

Encontramos o valor da cooperação no bairro de Campinas. No levantamento de dados para nossa pesquisa, comerciantes que, presumo, fazem parte do extrato social diferenciado, cooperaram na entrevista, respondendo nossas perguntas prontamente.

Entretanto uma forte competição e disputa comercial pode ser sentida naquele bairro, pois de acordo com suas declarações, as oportunidades são para aqueles que se esforçam mais, sendo as mesmas iguais para todos.

Observamos que há grande concentração de famílias no shopping, nos finais de semana, o que aparentemente revela a comunhão, entre pais e filhos. A moda e a ostentação, estão associadas através de sacolas de roupas caras, e de grifes famosas pois tal atitude é corriqueira nesse ambiente.

Pode ser no shopping, ou no bairro de Campinas, pois de acordo com (FROMM, 2002, p. 36), os modernos consumidores podem identificar-se pela seguinte fórmula: “eu sou igual ao que tenho e ao que consumo”. Há preponderância de valores dominantes, em ambos os locais pesquisados, pois o modo “ter” de existência, tem hegemonia em nossa sociedade moderna. A atitude blasé é companheira inseparável dos valores inautênticos.

Em termos gerais, essa classe social estudada assimila com muita facilidade os valores burgueses de origem axiológica, e, assim, não existe conflitos valorativos nesse grupo de indivíduos, pois de acordo com Viana (2007) O conflito valorativo é quase inevitável, a não ser para os indivíduos que possuem valores e sentimentos conservadores. Contudo, não identificamos valores autênticos nessa classe social.

### **3.3. Levantamento de dados; entrevistas e observações**

Usando a técnica de coleta de dados de observação para a pesquisa, também chamada de observação de campo, vamos explorar a maioria dos aspectos da vida social, da classe média de Goiânia, descrevendo as diferentes atividades exercidas por essas pessoas, e o significado das mesmas, construiremos tabelas com respostas para demonstrar o grau de importância que algumas variáveis, típicas das ciências sociais tem para essas pessoas, como renda, profissão, escolaridade, sexo e opinião política. Basicamente, como não poderia ser diferente, trata-se de variáveis qualitativas nominais ou ordinais, pois as mesmas têm papel fundamental em nossa pesquisa.

Todas as nossas observações, vão estar associadas a hipóteses, que vão ser testadas posteriormente, como respostas para o problema central: É possível identificar em Goiânia um impacto do processo de modernização urbana, no sentido de gerar os efeitos “blasé” de que fala Simmel? São comparações que faremos quando as pessoas agem pautadas com relação a valores, e quando agem com relação a fins, seus efeitos em termos

de processo de modernização urbana da classe média, levando sempre em consideração Georg Simmel. Mas serve como efeito de análise classificatória de significação.

Muito embora essas hipóteses pareçam verdadeiras, lógicas ou evidentes, pautado em nossos testes de bom senso diário, de experiências pessoais, não raro nos conduzem a erros de interpretação do real, pois aceitamos conclusões que não são válidas, por isso vamos reduzir tal problema, a uma ou duas hipóteses testáveis. Vamos esclarecer que nossa pesquisa é exploratória, ela não se dedica a parâmetros ou características de população da classe média goianiense, em outras palavras não se trata de pesquisa descritiva, e sim de pesquisa de aprofundamento no problema do processo de modernização em Goiânia, envolvendo atitudes e comportamentos da classe média goianiense, sem inferências, ou a intenção no entanto de se chegar a conclusões probabilísticas, ausência de representatividade, por se tratar de um universo muito grande de população. de Goiânia,

A observação feita, foi planejada sistematicamente em três dias previamente escolhidos, para ir até o shopping, a forma de registro dessas observações, está relacionada metodicamente, com os enunciados de nosso estudo, sobre a classe média, e nossas proposições mais gerais,

O que de início chama a atenção, quando visitamos o shopping, é seu “gigantismo” afinal de contas, esse lugar é só para classe média? Ou a classe baixa também é bem-vinda? Entendemos por classe baixa, aqueles indivíduos assalariados, conforme Weber diz, os excluídos da competição, pelos bens mais desejados, aqueles que são compelidos a trocar seus produtos e mercadorias imediatamente. Segundo o sociólogo Jessé Souza, classe baixa são aqueles que usam o seu tempo, em favor ou trabalhando para a classe média, e os ricos da classe alta, assim não reproduzem seu status social, permanecem pela falta de tempo, estagnados em sua condição de precarização.

Procuramos em nossas visitas, identificar as fontes da atitude “blasé”, dentro daquele lugar de mercado. A estrutura física do shopping, foi construída de modo a denunciar pelo “contraste” de onde as pessoas vieram, qual o “bairro” da cidade o qual o indivíduo reside, sua profissão, e conseqüentemente sua classe social.

Somente a classe média moderna e sofisticada pode pagar exatos trinta reais, em apenas um simples sanduíche? foi o preço, que constatamos ao adentrar em uma hamburgueria desse shopping, é claro que o conforto, status social do lugar, e o bom gosto da escolha, também já estavam incluso no preço do sanduiche, como pesquisador tenho que me manter isento, levantamos dados para o estudo através de observação, mas usamos

nosso senso crítico, o valor real do dinheiro, e o que ele pode comprar são relativos para cada ator social, temos ciência desse fato dentro da vida em sociedade, entretanto interessantemente em outro local do shopping, precisamente na praça de alimentação, encontramos quase o mesmo “conforto” um sanduíche melhor, mais completo, por quase a metade do preço, dezesseis reais.

Diferentemente da vida em uma cidade pequena, o sentimento de autopreservação, quando se mora em uma metrópole como Goiânia se torna bem mais forte, em vista disso, o comportamento exigido do indivíduo, segundo Simmel, se torna negativo em sua natureza social.

Essa atitude mental dos metropolitanos um para com o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva. Como resultado dessa reserva, frequentemente, nem sequer conhecemos de vista, aqueles que, foram nossos vizinhos durante anos. E é esta “reserva” que aos olhos da gente de cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados. Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa “reserva” exterior, é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio, e luta em um momento de contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado. (VELHO, 1957, p.13)

O uso dos uniformes, dentro de um shopping, é muito mais visual, que nas ruas de uma grande metrópole, seguranças, funcionários de limpeza, e vendedores de lojas, podem ser identificados entre a multidão, a uma boa distância, foi uma peculiaridade que nos chamou a atenção, da separação e graduação rigorosamente padronizada, ou seja a rígida distinção entre as categorias profissionais, exteriorizada com facilidade através de uniformes.

Se a vida na cidade, é formada por indivíduos que são heterogêneos, até pela especificidade das diversas categorias profissionais, que marcam a sociedade moderna, no ambiente interativo do shopping, essas diferenças, e desigualdades são amenizadas, talvez pelo processo da força da globalização, e pelo acesso a bens de consumo ao alcance de todos, tornam as pessoas muito parecidas, homogêneas entre si, tornando difícil, apenas observando, identificar quem é classe baixa, quem é classe média. Na qualidade de uma casa, ou o shopping center, foi escolhido por reunir pessoas de classe média moderna e sofisticada, que vivem a vida na cidade, e praticam suas ações orientadas pela atitude blasé metropolitana, altamente discriminatória, calculista. Ninguém vai ao

shopping para ser reconhecido como classe baixa, pois os mesmos até pelo chamado “colonialismo do imaginário” se sentem “incluídos” mesmo que precariamente, e de modo marginal, apenas no processo econômico, na produção e circulação de alguns bens mais desejados, apenas ajudam a reproduzir o “capital” imitando a classe média, embora sua verdadeira ascensão social seja bloqueada, pois partilham das mesmas ideias individualistas e competitivas da classe média, como veremos a seguir, nas entrevistas.

### **3.4. A entrevista que pergunta, como? E não porquê?**

Segundo Howard Backer, quem pergunta porquê? quer justificativas e explicações, então vamos nas nossas entrevistas perguntar como? Para saber a origem dos fatos, como tudo começou. Ela tem o objetivo de compreender as perspectivas da classe média goianiense, são de natureza interativa, diferente de um caráter investigativo do questionário, buscamos profundidade, visto se tratar de estudo exploratório. Padronizadas e estruturadas, as entrevistas foram feitas com um roteiro previamente estabelecido, com perguntas formuladas antecipadamente, focalizando a trajetória inclusão e exclusão social, provocada por parte da conduta “blasé” da classe média goianiense, seus motivos, razões e esclarecimentos, foram o alvo de nosso trabalho como entrevistador.

As variáveis qualitativas ordinais e nominais, como religião, sexo, nível de escolaridade, profissão, renda, opinião política, procuraram com palavras em nossa entrevista, identificar os anseios, medos, perspectivas dos indivíduos entrevistados, que pertencem a classe média goianiense.

Ela é uma típica integrante da classe média goianiense, advogada, reside no setor universitário, tem duas filhas que estão na faculdade, pertence a uma família de pais militares, estudou até o ensino médio no colégio Agostiniano, é casada e seu marido é publicitário, como primeira pergunta da entrevista, falamos acerca de coisas do cotidiano:

Você se considera classe média?

*RESPOSTA - nos dias de hoje, eu acho que sim, porque o custo de vida está muito caro, a criação dos filhos também, então se damos conta de cumprir com o nosso papel, sem depender de ajuda do governo, somos classe média.*

A vida inteira você foi classe média?

*RESPOSTA – não, meu pai “ralou” muito, começou sua carreira no quartel lá embaixo, como soldado, era muito difícil no começo, depois com o tempo ele foi melhorando de patente, como consequência nossa família foi subindo, porque meu pai sempre nunca deixou faltar nada,*

*moramos por muito tempo, na vila militar, depois compramos uma casa mais espaçosa, e assim foi indo.*

O que você pensa dos políticos no Brasil

*RESPOSTA – a maioria são bandidos, é difícil ter um honesto, porque já entra “lá” com intenção de fazer coisa errada, para levar vantagem, olha o caso do Eduardo Cunha que vexame, e muitos outros, “lá fora” os políticos são diferentes, tenho uma irmã que mora em Portugal, ela me disse que lá, na Europa eles são punidos se fizerem coisas erradas e forem desonestos, não é como aqui.*

A política pode mudar o destino da sua vida, em sua opinião?

*RESPOSTA – não, ela pode melhorar, ou complicar minha vida, penso assim dessa maneira, tudo depende de quem está “lá em cima” mudar destino não.*

Pertencendo a classe média, qual a importância do dinheiro em sua vida?

*RESPOSTA – para manter o padrão de vida, e viver com dignidade, acho que o brasileiro tem que “rebolar” muito, nossa economia teve um retrocesso muito grande depois do “golpe” da Dilma, todos que eu conheço me falam isso, o conforto para os filhos, escola particular, tudo isso e muito mais depende de “renda” garantida, muitas vezes o dinheiro diminui porque tudo aumenta, mas tendo emprego, o dinheiro continua entrando. Sou da opinião que dinheiro não compra tudo não, tem muita coisa mais importante na minha vida.*

Você acredita que uma pessoa ganhando salário, pode melhorar sua condição econômica?

*RESPOSTA – sempre fui otimista, quase todo mundo que hoje eu conheço, um dia já foi “pobre” mas trabalhando conseguiu melhorar de situação, ou de classe social, como você disse, acredito também que a sorte existe para quem sabe usar ela a seu favor, só trabalhar não adianta, então se fosse assim, o rico não “quebrava” e quem era “quebrado” não melhorava de situação. Impossível como alguns dizem não é, precisa de muita paciência, não faz do dia para noite, principalmente trabalhando de modo correto, dentro da lei.*

Apesar de ter um perfil bem diferente, hoje morando fora de Goiânia, por medo da insegurança da nossa capital, nosso segundo entrevistado, possui curso superior, uma sólida situação financeira, construída através do agronegócio. Vamos seguir o mesmo roteiro de perguntas, duas sobre “classe social” duas sobre “política” e as últimas duas, a respeito de “dinheiro”

Você se considera classe média?

*Resposta – Para mim, os bens materiais vão situar uma pessoa na sociedade em que vivemos, eu posso dizer que sou até mais que classe média, ou intermediária, se você por exemplo é doutor em uma área, quantas pessoas tem doutorado? “Entende” são poucas.*

Você já nasceu sendo classe média?

Resposta – *Venho da vida na fazenda da minha mãe e do meu pai, nasci em Rio Verde, com dezesseis anos fui para Goiânia estudar agronomia, porque tinha “juízo” e precisava cuidar do que era meu, e estou até hoje.*

O que pensa dos políticos do Brasil?

Resposta – *Antes o conceito deles era um pouco melhor, junto do povo, hoje é péssimo, não se faz mais políticos como antigamente, como o Juscelino, Mauro borges etc... os de hoje só pensam neles.*

Você acredita que a política pode mudar seu destino?

Resposta – *Depende, o que você chama de destino, as vezes muita coisa muda nosso “destino” a família é uma delas, hoje moro na cidade de Rio Verde, por causa deles, a segurança mudou meu destino de onde morar, Goiânia é uma cidade insegura.*

Qual é a importância do dinheiro para você?

Resposta – *Seria hipócrita se dissesse que dinheiro não tem tanta importância assim, afinal sem ele eu não seria classe média como você diz, mas tem coisa mais importante que dinheiro, a saúde é uma delas, porque sem ela não realizamos nada.*

Você acredita que uma pessoa que ganha salário, pode melhorar sua condição econômica?

Resposta – *Se fizer muita economia, “apertar” daqui e dali pode ser, mas é difícil, pois as pessoas são seduzidas pelo “mercado” compram muita coisa a prestação aí fica difícil, pois tem que pagar e ganham pouco não sobra para nada.*

Foram ao todo nove entrevistas, através de gráficos simples, procuramos mensurar estatisticamente a proporção de respostas favoráveis quanto à satisfação com os políticos brasileiros. Apenas uma minoria aprova o seu desempenho e suas condutas.

Entretanto, quando foram perguntados quanto à sua aprovação, e satisfação, em pertencer a classe média, a maioria respondeu favoravelmente, quanto ao seu próprio pertencimento a essa classe.

Contudo, não podemos inferir conclusões probabilísticas, pela natureza de nossa pesquisa, mas podemos tentar conhecer melhor as pessoas da classe média goianiense, com nossa atenção direcionada para provocar mudanças, acreditamos que o problema do impacto da modernização é capaz de gerar a atitude “blasé” descrita por Simmel, assim como essa atitude pode ser amenizada?, mas para isso precisamos conhecer

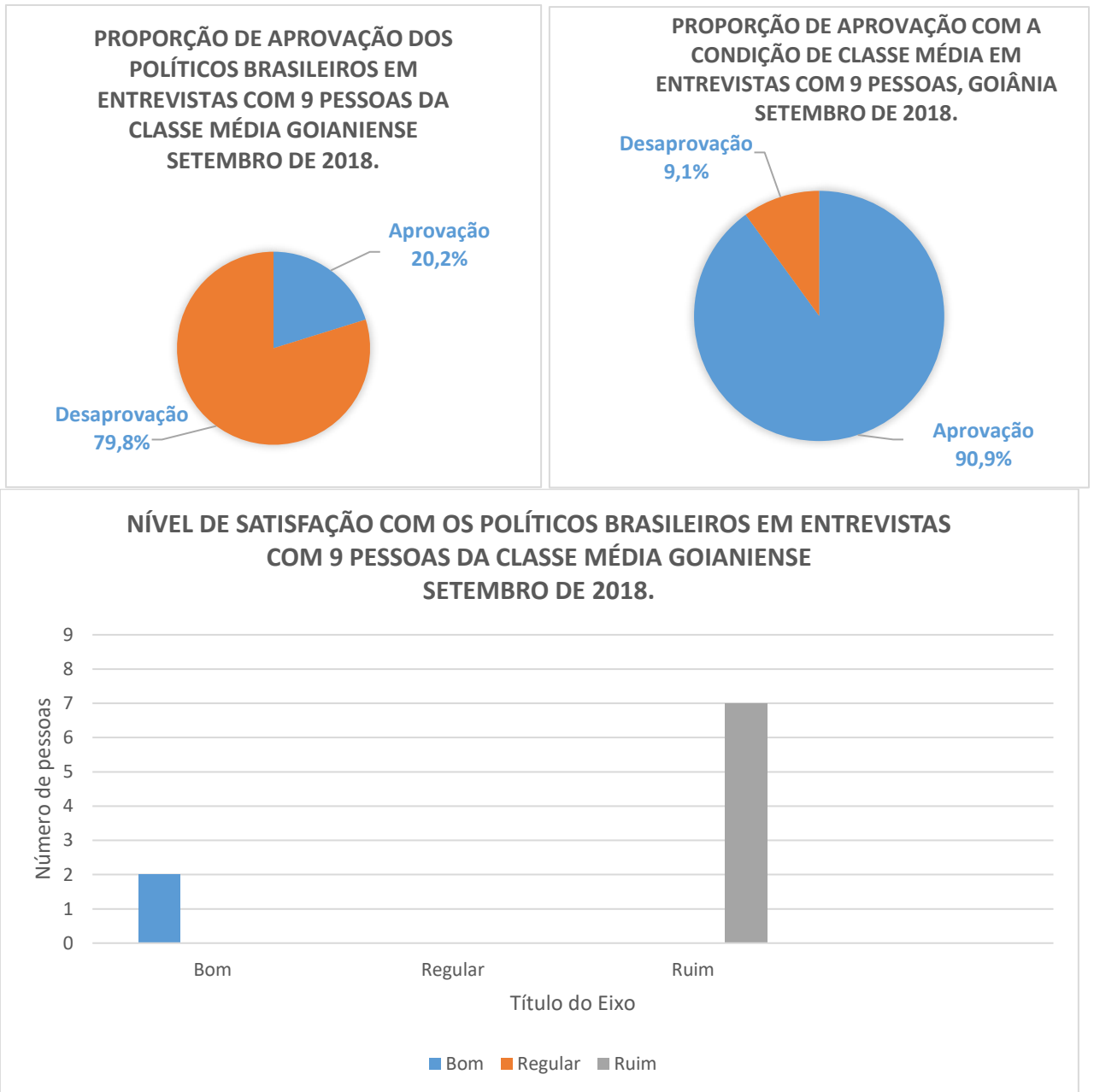


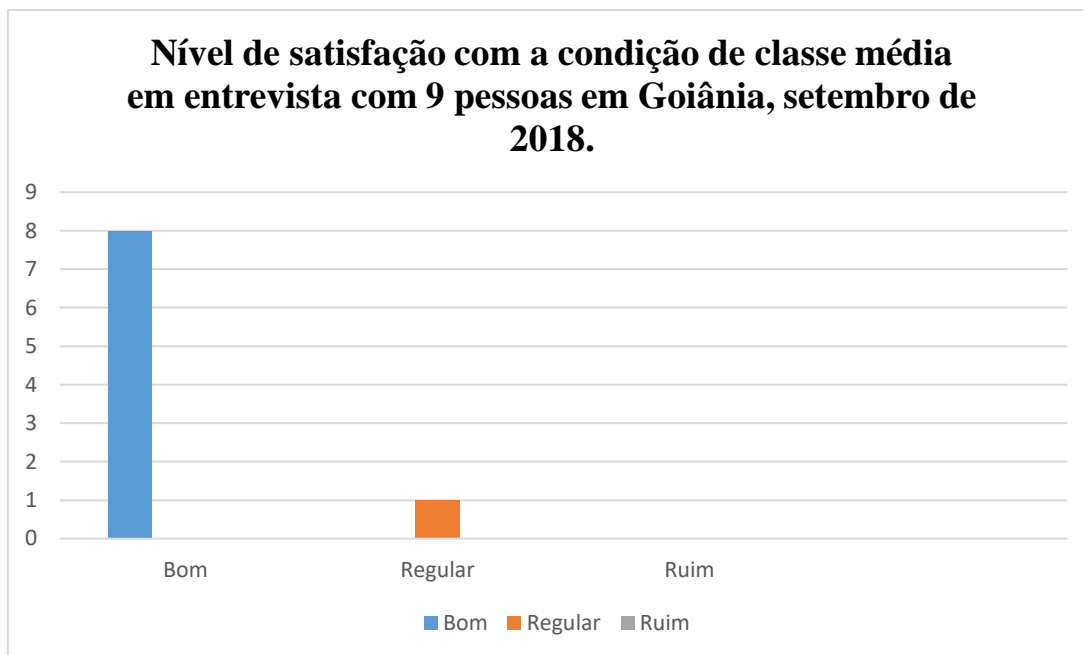
profundamente a classe média, no caso específico a goianiense, essas pessoas da camada média da sociedade, podem através de uma proposta que lhes seja interessante, por parte do poder público municipal, dar início em nossa cidade, as transformações sociais tão necessárias em termos de igualdade de cidadania que o Brasil necessita, uma sugestão que foi citada anteriormente, é que a prefeitura pode ter a iniciativa própria de fazer a construção de espaços de convívio comunitário para amenizar os efeitos da atitude “blasé”.

Entendo que a nível municipal pouca coisa pode ser realizada em termos objetivos, passa por um debate de políticas públicas a um nível federal, mas conhecer os anseios da classe média de Goiânia, e fazer uma proposta coerente e racional para essas pessoas.

Fazendo uma análise dessas entrevistas, podemos supor que a política, para esses entrevistados, se confunde com má conduta de políticos corruptos, seria uma espécie de associação mental, como algo negativo, próprio para se manter afastado. Em contrapartida, o comodismo e satisfação, por pertencer a classe média, denota valores conservadores, com ausência de conflitos ou a conseqüente adequação dos mesmos, aos seus propósitos.

### 3.5. Análise dos dados





A nossa pesquisa, é exploratória, foram feitas entrevistas e observações, com pessoas que se encaixam no perfil de classe média. Por qual motivo a classe média goianiense desenvolve uma atitude blasé? é o problema de nossa pesquisa, que procuramos dar resposta.

Embora possa parecer insignificante uma amostra para entrevista de apenas nove pessoas, reconhecemos que, num primeiro momento parece que em termos qualitativos nosso trabalho seja insuficiente, seria de fato, se fosse uma pesquisa descritiva, para determinar parâmetros da classe média goianiense, e suas características. Entretanto, se considerarmos o aprofundamento, na questão, como de fato consiste nossa proposta original, de pesquisa exploratória, nove pessoas são suficiente.

Se levarmos em conta que, mais de noventa por cento dos entrevistados, aprovam a condição de classe média, sua satisfação com tal condição, não se deve à política, e sim por seus próprios méritos. Como dissemos anteriormente, a confusão entre a prática da política é imediatamente associada à corrupção. Uma condição social, e econômica, está favorável, há privilégios e conforto, para a uma minoria expressiva, então porque se preocupar com mudanças políticas? social, e política ou disposição para questionar essa suposta desaprovação nas ruas, por parte desses entrevistados, algo do tipo; “aquilo que não tem remédio, remediado está”. Podemos constatar à partir dessas informações, que a probabilidade da classe média goianiense, ser conivente com a incompetência e

descompromisso dos políticos, é alta, acima de noventa por cento, na mesma proporção de sua aprovação com a condição própria, de classe média.

Essa atitude pode ser classificada como uma atitude “blasé” típica, das pessoas que moram no meio urbano, a vida na cidade grande, exige poupar energias o tempo todo, não vale a pena correr o risco, de ter esses privilégios diminuídos por exemplo, pagar uma quantidade igual de imposto que a classe baixa paga, em suma abrir mão de valores dominantes, em favor de uma maior igualdade social. Competir em vantagem de oportunidades e condições, de obter sucesso no mercado de trabalho, usando o nepotismo, embora essa prática não foi constatada entre nossos entrevistados, é comum nos noticiários da imprensa, indivíduos dos dois tipos ideais de classe média por nós apresentados, incorrerem neste crime.

Procuramos explorar a dimensão “psicossocial” da atitude “blasé”, promovida pelo comportamento da classe média goianiense. As observações que foram feitas no bairro de Campinas, nos arredores da rua Honestino Guimarães, mostram que Goiânia possui uma classe média que tem comportamento ambíguo, os traços da vida no campo são ainda muito arraigados, os costumes, e hábitos predominam nos comportamentos, as emoções não são tão contidas, muito embora as pessoas sejam racionais.

Quando fizemos nosso trabalho de campo no shopping Passeio das Águas, o comportamento das pessoas que “supostamente” observamos pertencerem a classe média goianiense, mudou muito em relação ao das pessoas do bairro de Campinas. O modo de vestir, roupas, a preocupação com aparência, tudo denota sofisticação, sobretudo tecnológica, onde estabelece por esse critério um verdadeiro divisor de águas, entre o modo de vida no meio urbano, e o modo de vida no meio rural, a vida na cidade ganha nuances coloridas no shopping, onde o ser não é muito importante e sim o “ter” e possuir, ou seja, ser consumista, é o que é valorado.

### **3.6. Construção de relações, e formulação de hipótese**

É possível identificar em Goiânia um impacto do processo de modernização urbana, no sentido de gerar os efeitos “blasé” de que fala Simmel refletidos por falta de inserção profissional, fraco desempenho do exercício da cidadania, da camada da população mais carente de nossa capital. A classe média, tem sido negligenciada em sua participação, muitas vezes por um certo “preconceito ideológico” de parte dos intelectuais. De acordo com nossas entrevistas, que foram estruturadas e dirigidas, os

dados mostram através de declarações firmes, que eles não se preocupam com política social, afinal se declaram satisfeitos, apesar de desaprovarem a conduta da maioria dos nossos políticos.

-Pelo método comparativo, nesse estudo consideramos semelhanças e diferenças de comportamento da classe média goianiense, se no Bairro de Campinas, os valores, hábitos, costumes, são ainda de certa forma mantidos, podemos explicar essa diferença quando, adentramos nas dependências do Shopping Passeio das Águas, onde se expressa toda a atitude própria da vida no meio urbano, as exigências impostas para quem se propõe a morar na cidade grande, calculabilidade, relacionamentos superficiais, podem ser sentidas na entrevista, quando perguntamos sobre a importância do dinheiro. Termos como “renda garantida” conforto dos filhos e escola particular vai garantir o direito de viver na cidade, são pessoas que tem sua existência de acordo centradas no modo “ter” de existência (FROMM, 2002).

Outra constatação sugere que existe um predomínio dos valores mercantis, pois eles; tanto no bairro de Campinas, como nas dependências do shopping, homogeneizam, e massificam os indivíduos, em uma precária inclusão econômica, circulação de bens, ou processo produtivo. Não há como reconhecer, num primeiro momento, principalmente dentro de um shopping center de nossa capital, quem é classe baixa, quem é classe média, quem é classe alta, tanto no bairro de Campinas, quanto no shopping. O fato dessas pessoas que pertencem à classe baixa, terem acesso a bens de consumo e serviços, não significa que são reconhecidos como “sujeitos de cidadania”. Ela vive em uma situação de carência material, não consegue reproduzir sua condição social, porque são bloqueados, pelas mesmas ideias individualistas da classe média “blasé” educada e abastada.

As condições para obtenção de êxito, são as mesmas para todos, de acordo com a resposta do terceiro entrevistado. Basta, segundo ele, trabalhar, não fazer dívidas, economizar que o salário mínimo rende, e aos poucos a pessoa melhora sua condição econômica – pobre não melhora de vida por causa que faz muitas dívidas no carnê, e tem muitos filhos, afirma categórico.

Valores dominantes, e atitude blasé andam de mãos dadas. Podemos identificar isso em várias entrevistas e observação no shopping, bairro de Campinas, dentre os quais podemos citar a ostentação, posse dos objetos, indiferença, ausência de conflitos. São valores dominantes, de uma classe alta. Encontramos poucos valores axionômicos, mas podemos citar alguns como a comunhão, vista entre pais e filhos no interior do Shopping

Passeio das Águas, e a cooperação dos comerciantes no bairro de Campinas com nossas entrevistas, e valores tradicionais, tal como os relacionados à fé daquelas pessoas.

A classe média torna-se competitiva, assim absorve para si, com facilidade valores dominantes, carregados de competição, e junto com ela desenvolve-se uma atitude blasé, típica das grandes metrópoles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para amenizar os efeitos da atitude blasé, propomos através de políticas públicas construir locais de convívio comunitário que permita a melhora da qualidade de vida da população, afetando positivamente as relações sociais de modo amplo. De um ponto de vista normativo é importante que haja alguma tendência, a minimizar esses efeitos blasés, mantendo uma capacidade de as pessoas preservarem vínculos comunitários.

Nesse sentido pode-se pensar em alguns tipos de políticas públicas a serem implementadas pela prefeitura de Goiânia, tais como; melhoria do transporte coletivo, criação e ampliação de espaços de lazer comunitários. A análise sociológica da realidade, indica que tais medidas estão relacionadas em políticas públicas, trazendo impacto sociológico, na melhoria da qualidade de vida do goianiense, de acordo com o olhar do cientista social.

Atitude blasé exigida daqueles que moram na cidade metropolitana, é expressa no ambiente do Shopping Center. O processo de homogeneização das pessoas pelo consumo e seu acesso, retira o caráter de heterogeneidade dos indivíduos, pois segundo Louis Wirth, para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.

Analisando o comportamento dos indivíduos que de fato pertencem a classe média, ou também daqueles que julgam, a ela pertencer, podemos ter a impressão que em Goiânia, no bairro de Campinas, apresenta-se com forte apego aos hábitos e costumes. Sem conhecimento prévio desses indivíduos, é difícil por observação, separar com segurança, no ambiente do shopping center, quem de fato está dentro do perfil da classe média, pois conforme Simmel: O dinheiro, com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico, e sua incomparabilidade.

Há sem dúvida um impacto diferenciado, entre esses dois tipos ideais formados pela abstração o primeiro, a “classe média campineira” onde o processo de modernização urbana é lento, pois, conforme afirma Viana (2012, p. 34), a transformação social traz consigo a mudança de valores, ou seja há uma alteração simultânea, entre relações sociais e valores. Assim temos a seguinte resposta: A classe média que reside no bairro de Campinas, assimila com menos facilidade os efeitos blasé de que fala Simmel. As imagens mentais que atuam na construção dos sentidos, na identidade dos campineiros,

suas emoções não fluem com tanta rapidez, pois a tradição conservadora demora a se desfazer no cotidiano dos campineiros, trata-se de um processo muito lento, embora traços da modernidade como envolvimento com tecnologia, atividades comerciais, etc. fazem do bairro de Campinas um lugar dinâmico.

Compreender o que significa fazer parte da “classe média” e seus diferentes níveis na cidade de Goiânia, pode ser melhor assimilado, quando estudamos o segundo grupo pesquisado, são os frequentadores do Shopping Passeio das Àguas, essa classe média sem dúvida assimila com maior facilidade os efeitos blasé, porque suas origens são urbanas, vieram essas pessoas para trabalhar na burocracia administrativa dos prédios recém inaugurados na década de trinta, suas imagens mentais fluem mais rápido, porque a vida na metrópole exige isso, pois seu conjunto sensorial é diferente, seus relacionamentos não geram hábitos, são obrigados a fazer uso do cálculo monetário, e dominar seu intelecto; fontes de efeitos blasé descritos por Simmel. É provável que sejam formas diferentes, nesses dois lugares de representação da vida social, dentro da mesma cidade, e de uma mesma estratificação, porém expressam suas ações de modos distintos.

A competição intensificada pela mercantilização das relações sociais, baseada no dinheiro e na riqueza, propicia o desenvolvimento da atitude blasé, pois existe pressão que compele o indivíduo, a adotar valores e sentimentos, que servem aos interesses da classe dominante.



## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard, S. *Método de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Hucitec. 1997.
- BERTONCELO, Edison Ricardo Emiliano. *As Classes na Teoria Sociológica Contemporânea*. BIB, São Paulo, n° 67, I o semestre de 2009, pp. 25-49.
- FRATTARI, Najla Franco. *Insegurança: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia*. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- FROMM, Erich. *Ter ou Ser*. Barcarena: Presença, 2002.
- GIST, Noel P. HALBERT, L.A. *A cidade e o Homem: A sociedade urbana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1961.
- PARK, Robert Ezra. *A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio, Guilherme (org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SAWAIA, Bader (org.). *Psicologia Social - As Artimanhas da Exclusão. Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*: VERAS, Maura Pardini Bicudo. *Exclusão Social: um problema de 500 anos*. Petrópolis: Vozes. 2014.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio, Guilherme (org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SOARES, Rodrigo de Oliveira. *Goiânia a metrópole periférica: fantasmagoria, experiências e viveres urbanos –Real Conquista e Jardins Madrid*. Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, 483p.
- TELES, José Mendonça. *A vida de Pedro Ludovico – Fundador de Goiânia*. Goiânia, Kelps, 2004.
- VIANA, Nildo. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1982.
- WEBER, Max. *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Covilhã: Lusosofia. 2010.